

171

DEPRESSÃO MATERNA E INTERAÇÃO FAMILIAR. *Luciana Garbini de Nadal, Márcia Leonardi Baldisserotto, Giana Bitencourt Frizzo, Cesar Augusto Piccinini (orient.) (UFRGS).*

O impacto da depressão materna para o bebê tem sido objeto de investigação de diversos estudos. No entanto, poucos estudos examinaram a depressão materna em um contexto de interação familiar. O presente estudo buscou verificar eventuais diferenças na interação diádica (mãe-bebê, pai-bebê e mãe-pai) em famílias com e sem diagnóstico de depressão materna. Os bebês possuíam um ano de idade. Participaram do estudo 19 famílias, 9 com mães deprimidas e 10 com mães não-deprimidas. A designação aos grupos foi baseada nos escores das mães no Inventário Beck de Depressão. Foi utilizada uma sessão de interação livre pai-mãe-bebê, realizada numa sala de brinquedo da universidade, durante a qual se foram examinados os padrões de interação através de um protocolo envolvendo diversas categorias. As interações diádicas mãe-bebê, pai-bebê e mãe-pai foram analisadas utilizando-se o teste de Wilcoxon. Este mostrou algumas diferenças significativas especialmente no grupo sem depressão materna, no qual a categoria afeto positivo apareceu significativamente mais intensa no contexto interativo mãe-bebê do que pai-bebê. O mesmo ocorreu com a categoria sensibilidade, porém menos intensa. Quanto à categoria desengajamento, os índices foram maiores nas díades pai-bebê. Nas famílias com depressão materna, a categoria estimulação cognitiva obteve significativamente maior incidência nas díades mãe-bebê do que pai-bebê, indicando que, apesar da depressão, as mães conseguiam prover uma estimulação adequada para seus bebês. Apesar dessas diferenças, no conjunto os dados não corroboram as hipóteses iniciais do presente estudo. Essa falta de diferença significativa pode apontar para um efeito moderador do pai que ameniza os efeitos da depressão materna na família.